

Amor de bolso

Pocket love

Léo Hemann Strack¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo explorar como fatores biológicos, psicológicos e sociais se relacionam e se manifestam na experiência afetivo-sexual do ser humano. Começamos com dança do acasalamento dos animais e terminamos o trajeto com estratégias de auto revelação e auto apresentação no meio virtual. Tecnologias como smartphones e internet foram, e ainda são extremamente impactantes nas nossas vidas, permeando áreas de trabalho, lazer e relacionamentos. Se a 30 anos atrás era necessário sair de casa para conhecer alguém diferente, hoje é possível fazer um perfil em uma rede social e ter acesso a informações e contato de pessoas do mundo inteiro sem levantar do sofá. Relacionamentos começam e terminam através destas tecnologias. Aos poucos viemos aprendendo a adaptar comportamentos e padrões da nossa biologia para o mundo virtual. Ao invés de esperar dias para ver a pessoa amada podemos fazer chamadas de vídeo, ao invés de ir a uma festa acessamos um aplicativo de relacionamento e escolhemos com quem queremos conversar baseados em fotos e auto descrições. Muito ao nosso redor mudou, mas veremos que a essência dos processos não mudou tanto assim.

Palavras chave: Relacionamentos; Virtual; Sexualidade.

Abstract: In this article we are going to explore how biological, psychological and social factors interact and manifest in themselves in affective and sexual human experience. Starting with mating rituals in animals and going through until concepts like self-revelation and self-disclosure. Internet and smartphones are extremely influencing technologies in our lives, either at work, recreation or love. Thirty years ago we had to go to places like pubs or parties to meet new people, today all we have to do is access a social media and it's done: lots of people to interact with without even getting off the couch. Relationships begin and end through the phone. Everyday we learn something about how behave in this virtual world. We make video calls instead of waiting days when we miss someone, we go to dating apps and browse in a sea of pictures and profiles. A lot has changed, the way we live our love lives has changed, but the essence of the process is still the same.

Key words: Relationship; Technology; Sexuality.

Dentro da psicologia estamos mais do que acostumados com o termo biopsicossocial, entretanto raramente temos a oportunidade de pensar sobre as influências de cada um dos três aspectos em nossas vidas. Neste primeiro momento venho propor uma reflexão sobre as possíveis influências da faceta biológica do ser humano. Por mais que sejamos capazes de feitos tecnológicos, produções artísticas e organizações sociais complexas, ainda assim somos animais; tão animais quanto macacos, ratos, aves e até mesmo insetos. Compartilhando assim aspectos em comum na alimentação, sobrevivência e reprodução.

Quando pensamos em *dança do acasalamento* algumas cenas podem vir em mente a imagem de alguns filmes: a cena do *Simba*, protagonista do rei leão, cantando a música de Elton John junto com a *Nala* na beira de uma cachoeira. O *Bob de Família Dinossauro* treinando os passos da dança literalmente. As opções são diversas e talvez não sejam exatamente estas que você lembrou. Entretanto, muito provavelmente tenha vindo a imagem de algum animal selvagem realizando um comportamento que tem por objetivo iniciar o processo de cópula. Também conhecido como coito ou relação sexual. Mas quais as semelhanças entre essa cena e, por exemplo, as cenas de dança no filme *Embalos de sábado à noite* e *Dirty Dancing*? Até que ponto não podemos traçar um paralelo e ver estes exemplos como um comportamento que visa a relação sexual?

O que comumente chamamos de dança do acasalamento nada mais é que um comportamento de cortejo, normalmente realizado pelo macho, em busca do acasalamento. Não é incomum que apenas o macho que vença a disputa com outros machos tenha o benefício de executar o cortejo perante a fêmea. Neste cortejo são exibidas características físicas e comportamentais consideradas adaptativas na espécie. Um exemplo claro do último ocorre entre os pavões: um macho que esteja bem nutrido e apresente vigor físico provavelmente será capaz de exibir uma plumagem mais vistosa, chamando atenção da fêmea, que busca as mesmas características para sua prole. Estes comportamentos de cortejo são tão difundidos e tão particulares de cada espécie que artigos como “Multiple sexual advertisements honestly reflect health status in peacocks (*Pavo cristatus*)” são comuns na literatura.

Temos então dois pontos interessantes a serem abordados: será que, normalmente, o macho é quem realiza este cortejo? E quais são as características adaptativas para a espécie humana? Vamos começar pela questão de quem executa o cortejo e quem é cortejado. Para isso pensemos no exemplo: em um arquipélago existem duas ilhas. Na ilha A habitam 50 mulheres e 10 homens, na ilha B habitam 50 homens e 10 mulheres. Quantos bebês podem nascer em cada uma das ilhas em um período de aproximadamente um ano e meio? Esta não é uma questão difícil, podem ser gestados 100 bebês na ilha A e 20 bebês na ilha B.

No caso dos seres humanos é muito mais custoso energeticamente para as mulheres terem bebês do que para os homens. Enquanto elas precisam, de um ponto de vista bem simplista e biológico, despende nove meses na gestação, um homem não precisa de muito mais que alguns minutos para fornecer o material genético necessário e o resultado virá após nove meses sem muito impacto em sua vida. Se levarmos em conta um grupo de humanos na pré-história, uma mulher que engravidasse corria muitos riscos, tanto de ser vítima de um predador, quanto na locomoção e obtenção de alimento. Por isso, é comum observarmos na natureza que: o sexo (macho ou fêmea) que produz o gameta de menor custo energético será menos seletivo na busca de parceiros em comparação com o sexo que produz o gameta de maior custo energético. Mas o que significa maior ou menor custo energético?

Quando falamos menor custo energético estamos falando do custo em quilocalorias de comportamentos, alterações metabólicas, fertilidade, enfim, tudo que esteja relacionado com a reprodução de um indivíduo e sobrevivência de sua prole. Um ótimo exemplo são os comportamentos relacionados ao cuidado parental. Na espécie de aranha *mecynogea erythromela* os machos investem muito em cuidado parental, protegendo os ovos de predadores e fazendo a manutenção da teia onde se localizam (Moura, 2014). Isso faz com que muitos machos sejam altamente seletivos na escolha de suas parceiras, visto que despendem muitas quilocalorias em comportamentos de cuidado da prole. Entretanto, este papel de selecionador não é simples, pois ser extremamente seletivo pode ser um tiro que sai pela culatra, dificultando demais o encontro entre parceiros e terminando o período reprodutivo sem uma prole, o que pode ser a diferença entre passar, ou não, seus genes adiante no mundo animal.

Biologicamente na espécie humana o sexo que tem o gameta com menor custo energético é o masculino devido, principalmente, a ausência de gestação. Porém neste momento não devemos esquecer aquela palavra lá no início do texto: biopsicossocial. Nossos comportamentos reprodutivos não são determinados, mas sim influenciados por nossa biologia. Também temos diversos outros fatores psicológicos e sociais envolvidos neste custo energético. É exatamente nestes outros fatores que estão as especificidades de cada grupo e sociedade. Segundo Sumter; Vandenbosch (2018) homens geralmente são estimulados socialmente a valorizar o relacionamento com múltiplas parceiras e desempenhar um papel mais ativo nos encontros enquanto é esperado que mulheres tenham um papel mais passivo assim como invistam mais em um comprometimento afetivo.

Podemos observar neste exemplo que tanto fatores biológicos (custo energético do gameta e sua relação com a seleção de parceiros), quanto fatores sociais (comportamentos esperados das figuras masculinas e femininas) compõem um cenário final como observado no artigo. O que nos leva a pensar nos possíveis entrelaçamentos de movimentos políticos e sociais com fatores biológicos e evolutivos ao longo da nossa história. Neste momento entramos no segundo ponto: quais são as características adaptativas para espécie humana?

Darwin (2014) é conhecido por seu trabalho “A Origem das espécies” e alguns de seus conceitos ainda são presentes até hoje na teoria da evolução. Foi sugerido que nos casos de espécies com dimorfismo sexual (onde fêmea e macho apresentam características que evidenciam a diferença entre os sexos) alguns dos traços secundários que um macho, ou uma fêmea, exibem têm a função de atrair o sexo oposto e estão presentes pelo simples fato de ser uma preferência na espécie. O que Darwin estava querendo dizer é que machos desenvolvem, por exemplo, plumagens exuberantes, chifres grandes ou comportamentos chamativos simplesmente porque as fêmeas gostam. Em outras palavras: machos atraentes geram filhotes atraentes que tem mais chance de conseguir parceiras e dar seguimento ao ciclo.

Hoje em dia temos uma ideia diferente em relação a estas características sexuais secundárias. Sabemos que algumas delas estão relacionadas a fatores genéticos que contribuem, não apenas para a reprodução de seus possíveis descendentes, como também para sua sobrevivência. Voltamos então para o exemplo do pavão: o macho que apresenta uma plumagem mais vistosa provavelmente está melhor nutrido e sofreu menos com predadores (Loyau, 2005). Mas o que nos interessa aqui é como ele atingiu estes resultados e não os resultados em si. Pavões selvagens caçam ativamente formigas, grilos, centopeias e outros artró-

podes, chegando a se alimentar até mesmo de pequenos mamíferos. Podemos supor, por exemplo, que um pavão selvagem que esteja bem alimentado tenha sucesso em sua caça, comportamento que depende de características como uma boa visão, coordenação para ciscar, entre outras. Todas consideradas desejáveis e adaptativas para seus descendentes. Porém, nem mesmo uma fêmea pavão teria paciência para observar machos ciscando e procurando alimento ou conferindo se eles precisam ou não de óculos para só então escolher seu parceiro. Para evitar esse problema ela usa outras características como indicadores: se ele tem barriga de tanquinho deve ter uma alimentação saudável e provavelmente não vai ter problemas cardíacos antes dos 50.

Certamente o processo de escolha de parceiros não se resume apenas a características desejáveis para a prole na sociedade humana, o que dá esperança para nós gordinhos com personalidade. Mas será que também é assim no reino animal? A reprodução e os órgãos envolvidos nessa atividade estão intimamente ligados com o processo evolutivo nos animais e, por isso, apresentam não só uma grande variedade de características entre as espécies, mas, também, uma grande variação ao longo do tempo de evolução de uma mesma espécie. Em muitos animais a genitália é utilizada também no processo de cortejo, levando a diferenciações que visam não apenas a prole, mas também seus progenitores. Entre essas adaptações, podemos citar o besouro que esfrega e bate com seus dois apêndices na parceira a fim de estimulá-la durante o coito e também algumas espécies de bovinos que utilizam uma extensão em formato de chicote para aumentar a sensação de prazer na fêmea. Há também as modificações que buscam desincentivo da cópula, como é o caso dos gatos que apresentam pequenos espinhos no pênis a fim de arranhar o canal vaginal da gata e diminuir a propensão de que ela copule com um macho rival. Inclusive se acreditou uma época que o próprio pênis humano teria a glândula em forma de cogumelo, pois, dessa forma seria capaz de, ao mesmo tempo que lança seu esperma, retirar resíduos da ejaculação de outro macho que tivesse “passado por ali” antes.

Então, ao pensar no processo da reprodução humana precisamos considerar os seguintes aspectos: quais são as características adaptativas e desejáveis em relação à prole; e quais as características adaptativas e desejáveis em relação ao parceiro. Entretanto, quais os papéis psicológicos e sociais deste processo? Eles podem se manifestar em ambos os casos. No que se refere a questões psicológicas, transtornos psiquiátricos como transtorno de personalidade borderline e transtorno de ansiedade generalizada certamente irão ter impactos na capacidade do indivíduo de estabelecer um relacionamento amoroso saudável; em relação questões sociais, a faixa econômica, grupo étnico e preconceitos associados também terão influências significativas conforme a intensidade que se manifestam naquele círculo social e no indivíduo. A forma pela qual acessamos essas informações é, de forma muito simplificada, o nosso “ritual de acasalamento”.

Assim como no reino animal, este ritual não é estático; enquanto os pais, que viveram sua adultez jovem na década de oitenta, buscavam encontrar seus possíveis parceiros em discotecas, seus filhos buscam encontrar parceiros em aplicativos como Tinder e Happn. De início, essa pode parecer uma mudança drástica. Porém, a utilização de recursos online para encontrar parceiros data desde 1995, com o registro do site *match.com* há mais de vinte anos atrás (Ward, 2016). Durante esse período, diversos pesquisadores se dedicaram a estudar este fenômeno, que só cresceu desde seu início. Numa visão geral, o ambiente online oferece vantagens como um maior número de oportunidades para conhecer potenciais parceiros; um ambiente menos ameaçador para o primeiro contato; e a possibilidade de que os sites e aplicativos filtrem

previamente as pessoas disponíveis excluindo aquelas que não tenham um perfil desejado pelo usuário (Wiederhold, 2015).

Entretanto, o ambiente online não é perfeito e dificuldades como o aumento da objetificação dos possíveis parceiros e a consequente redução no desejo de comprometer-se, a possibilidade dos usuários fazerem escolhas preguiçosas e desinformadas devido ao excesso de opções, e o adiamento do encontro presencial até que a comunicação fique prejudicada e o encontro presencial acabe por ser rejeitado (Wiederhold, 2015). O consenso entre os pesquisadores é de que existem informações que apenas se tem acesso no ambiente presencial e que a chance de uma interpretação errônea é menor quando presencialmente.

A influência do ambiente online nos relacionamentos atuais é tão grande que mais de um terço dos casamentos tem começado através deste recurso. Conforme Wiederhold (2015) estas uniões apresentam uma chance levemente menor de terminar em divórcio e um nível levemente maior de satisfação matrimonial. E mesmo os relacionamentos que não tiveram seu início online são influenciados por este recurso. Em seu artigo Drouin; Landgraff (2012) observou também que pessoas com um estilo de afeto seguro tendem a utilizar mais os recursos de mensagens de texto, enquanto pessoas com um estilo de afeto inseguro tendem a usar estes mesmos recursos porém no que chamamos de *sexting* (troca de mensagens e fotos eróticas).

Para entender como estes relacionamentos iniciam precisamos observar como as pessoas costumam se apresentar na busca de um relacionamento e como a intimidade se constrói nesse ambiente. Em outras palavras, estamos falando de auto apresentação e auto revelação.

Auto apresentação (self-presentation) é tudo que fazemos a fim de controlar ou manipular a forma que os outros nos percebem (Ward, 2016). Quando colocamos uma foto e uma descrição no perfil de uma rede social ou de um aplicativo de relacionamento, estamos trabalhando a nossa auto apresentação. Com a popularização das redes sociais logo se percebeu que a forma pela qual as pessoas se apresentavam e registravam os acontecimentos do seu dia a dia, muitas vezes, não representava de maneira precisa o seu estado real.

Nos aplicativos de relacionamento esse é um fenômeno ainda mais natural, visto que estão presentes dois processos-chave para tal: o quanto as pessoas estão dedicadas a controlar como são percebidas; e as possibilidades assim como as ferramentas para realmente controlar essa percepção, levando a construção de uma imagem segundo Ward (2016).

A grande maioria dos usuários relatou em sua pesquisa já ter mentido sobre algo em seu perfil. Mas por que não vemos apenas *Brad Pitts* e *Angelina Jolies* nos *apps*? Por que fotos extremamente atrativas receberam um score menor de autenticidade? E por que uma aparência genuína e honesta foi valorizada pelos usuários?

Não podemos esquecer que o objetivo final em sites e aplicativos de relacionamento é se conhecer pessoalmente. A literatura aponta que passar para outras formas mais pessoais de comunicação e, consequentemente, o encontro presencial é o caminho natural e desejado pelos usuários dos aplicativos de relacionamento. O objetivo é conhecer-se pessoalmente e confirmar se existe atração. Por causa desse movimento rumo ao presencial, investir em uma imagem muito discrepante no ambiente online não é interessante. Por isso, observamos que mesmo com a maioria dos usuários admitindo ter manipulado informações do perfil, os perfis realistas ainda são aqueles que têm melhores resultados e aceitação.

Mas e daí? Pronto. Deu Match. Demonstrou interesse. Abriu a possibilidade de conversa. E agora? Este é o momento em que começa a auto revelação (self disclosure). O ato de revelar informações pessoais para outra pessoa é o que chamamos de auto revelação (Ward, 2016). Esta é uma etapa essencial para a construção de um vínculo que, no ambiente virtual, normalmente começa através de mensagens de texto, um chat.

Quando falamos de revelar informações estamos falando tanto de dados como idade, altura, signo; quanto de anseios, emoções e sentimentos em relação a experiências de vida. Entretanto, fica claro que saber que uma pessoa é do signo de câncer, tem um peso e representa uma intimidade completamente diferente de saber que a mesma pessoa teve câncer e passou pelo seu tratamento. Informações mais ligadas a questões pessoais e íntimas não só ajudam a construir essa proximidade afetiva como também exigem maior intimidade para não soarem inadequadas. Por isso, é importante que haja um crescimento gradual e recíproco na relevância das informações compartilhadas entre as pessoas que estão conversando para que o vínculo se estabeleça.

Aqui é importante lembrar que, em ambos os casos, auto apresentação e auto revelação, estão acontecendo ainda no ambiente virtual, onde informações e “pistas” são reduzidas. Quando conversamos presencialmente com alguém somos capazes de perceber partes da informação que nem sempre temos acesso online. Tom de voz, linguagem corporal, expressão facial, entre outras informações, são quase que exclusivas do cara-a-cara (Wiederhold, 2015).

Ward (2016) observou que diversos usuários de aplicativos faziam uso de estratégias de redução de incertezas; procuravam no Google, Facebook, Instagram, olhavam fotos e informações que pudessem confirmar que o outro era mesmo quem dizia ser. Inclusive a migração para outros canais de comunicação, mencionada anteriormente, é uma estratégia de redução de incertezas. Por isso, podemos observar que diferentes formas de transmitir uma mesma informação têm pesos diferentes. É fácil dizer em um perfil que se é médico, ou qualquer outra informação associada a um status social, e isso não ser verdade. No entanto, se houver uma foto de jaleco e estetoscópio dentro de um hospital, poucas pessoas irão duvidar da informação. Imagens são, de forma geral, mais difíceis de manipular e por isso fontes mais críveis de informação. Devido a isso, perfis com múltiplas fotos tendem a possibilitar um melhor julgamento. De forma geral, se observa que as fotos irão chamar a atenção e tem por objetivo diferenciar o usuário dos outros, enquanto as informações do perfil e a comunicação irão “fechar o negócio” e permitir o estabelecimento do vínculo. Será que toda essa dinâmica é algo tão particular assim dos sites e aplicativos de relacionamento? O quão diferente é colocar uma foto bem arrumado no seu perfil de arrumar-se para ir a uma festa? O quão diferente é mandar uma mensagem atrativa de presencialmente falar algo interessante? E quanto a procurar no Facebook ou explorar no encontro se existem amigos em comum?

Auto apresentação, auto revelação e estratégias de redução de incertezas não são novidades na nossa dança do acasalamento, porém os comportamentos usados para cada um desses fins mudaram, e continuam mudando conforme novas tecnologias se inserem no nosso dia a dia, permitindo que funções antigas possam ser executadas de forma diferente e, quem sabe, mais eficiente e com novos benefícios. Sim, os riscos existem: o potencial de objetivação, a possibilidade de escolhas preguiçosas, ou então o adiamento eterno do encontro presencial são riscos que surgiram com esta nova dinâmica. Porém, o aumento das oportunidades, o ambiente menos ameaçador e a facilidade de seleção são benefícios significativos que desfrutamos atualmente graças à tecnologia.

Entretanto, como mencionado anteriormente, o mundo não é feito apenas unicórnios e arco-íris. Basta uma busca rápida para encontrarmos pessoas que tiveram mensagens ou fotos expostas de forma indesejada na internet. Sim, estamos falando de *sexting*; mas será que é algo tão horrível e perigoso quanto parece?

Tirando casos de celebridades que tem suas contas da *iCloud* hackeadas, a maioria dos casos de exposição são de fotos que tinham como destinatário outra pessoa com a qual havia um relacionamento (mesmo que muito curto). Segundo Messer (2013), os dados apontam a existência de três diferentes grupos de pessoas quando falamos de compartilhamento de fotos íntimas (nudes): aqueles que apenas mandam, aqueles que mandam e recebem e aqueles que apenas recebem. O último dos três é o mais numeroso, não porque um grupo pequeno de pessoas manda para várias outras, mas sim porque muitas das fotos são repassadas após terem sido recebidas. Situações de pessoas que tiveram suas vidas prejudicadas por uma exposição indesejada de nudes, infelizmente, estão longe de serem incomuns. A maior evidência desse tipo de comportamento foi a onda de sites de “vingança contra ex”, nos quais, além das fotos, eram também divulgados dados como nome e endereço.

Entretanto há uma forma de prevenir-se contra este tipo de acontecimento: vínculo saudável. Sim, é uma forma muito vaga e incerta de prevenção, porém a troca de mensagens e fotos com cunho erótico provou trazer benefícios quando utilizadas como uma ferramenta do casal para manter sua intimidade e cumplicidade afetiva/sexual. O famoso *sexting* pode ser também um grande aliado, como afirma McDaniel, Drouin (2015). Para isso, é importante lembrar que assim como o sexo presencial o “modo EAD” também se beneficia de preliminares, uma narrativa/fantasia, reciprocidade e outras coisas que vão muito além de uma foto pelado na frente do espelho com o flash do celular ocultando o rosto.

Enfim, podemos perceber nessa jornada que o ser humano e sua sexualidade não se limitam a características biológicas, psicológicas ou sociais, mas sim do orquestramento destes três eixos. As ferramentas que a tecnologia vem a nos oferecer não devem ser mais do que realmente são: ferramentas. Não são, nem devem ser, capazes de tomarem decisões no que se refere a vida íntima. Isto é algo que cabe a nós e a ninguém mais. Ainda que existam pressões políticas e sociais é importante que elas não invadam o que tange os relacionamentos afetivos de nossa intimidade. Desta forma, certamente seremos capazes de usufruir dos benefícios e evitar malefícios que as tecnologias atuais nos proporcionam.

Referências

- Darwin, C. (2014). *A origem das espécies*. São Paulo: Martin Claret.
- Drouin, M. & Landgraff, C. (2012). Texting, sexting, and attachment in college students' romantic relationships. *Computers in Human Behavior* 28, 444-449.
- Loyau, A., Jalme, M. S., Cagniant, C. & Sorci, G.. (2005). Multiple sexual advertisements honestly reflect health status in peacocks (Pavo cristatus). *Behav Ecol Sociobiol* 58: 552-557.
- McDaniel, B. T. & Drouin, M. (2015). Sexting among married couples: Who is doing it, and are they more satisfied? *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*. doi:10.1089/cyber.2015.0334 .
- Messer, G. D., Bauermeister, J. A., Grodzinski, A. & Zimmerman, M. (2013). Sexting among young adults. *Journal of Adolescent Health* 52, 301-306.

-
- Moura, R. R.. (2014). *Seleção sexual e comportamento reprodutivo de Mecnogea erythromela* (Holmberg 1876) (ARANEAE: ARANEIDAE). Universidade Federal de Uberlândia, Programa de pós-graduação em ecologia e conservação de recursos naturais.
- Sumter, S. R. & Vandenbosch, L.. (2018). Dating gone mobile: Demographic and personality-based correlates of using smartphone-based dating applications among emerging adults. *New media & society* 1 - 19.
- Sumter, S. R., Vandenbosch, L. & Ligtenberg, L.. (2017). Love me Tinder: Untangling emerging adults' motivations for using the dating application Tinder. *Telematics and Informatics* 34, 67-78.
- Ward, J.. (2016) Swiping, Matching, Chatting: Self-Presentation and Self-Disclosure on Mobile Dating Apps. *Human IT* 13.2, 81-95.
- Wiederhold, B. K.. (2015). Twenty Years of Online Dating: current psychology and future prospects. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking* 18 (12).